



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DA MAIA **ISMAI**

César Manuel Castilho Horta

N.º 30689

A Personalidade e o Perdão Interpessoal: Uma Relação Causal

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Carla Cunha e do Professor Doutor

Tiago Bento Ferreira

Outubro 2017

Agradecimentos

Ao lembrar esta jornada penso que jamais seria possível fazê-la sozinho. Neste momento em que reflito sobre esta viagem, recordo um provérbio africano que diz: “se queres ir depressa vai sozinho, se queres ir longe vai acompanhado”. Chamo-lhe jornada e viagem, porque é um caminho que se faz no meio de outras gentes e vivências, que pensam e veem diferente e nos transportam através do seu olhar para um outro “mundo” que carregam em si mesmas, e que agem sobre a nossa vida e a tocam, por vezes quase de forma impercetível, mas que deixam marcas permanentes.

A minha gratidão vai para aqueles que caminharam ao meu lado, em particular à Professora Doutora Carla Cunha, pela sua dedicação, apoio, empenho e determinação, que nos faz querer mais e chegar mais longe.

Ao Professor Doutor Tiago Bento Ferreira que se juntou a mim já com “terra à vista”, mas prestes a afundar no mar de desânimo, frustração e cansaço. Ajudou-me a redirecionar e motivou-me a terminar a jornada que antes havia encetado.

À “menina dos meus olhos”, a minha mais que tudo, o amor da minha vida e companheira de viagem de longa data, que sempre acreditou. A ti, minha “corisca”, obrigado.

Ao meu melhor amigo que nunca me abandonou, a razão de ser desta jornada e pelo qual tudo vale a pena. Obrigado “Emanuel”.

A Personalidade e o Perdão Interpessoal: Uma Relação Causal

Resumo

Vários estudos têm demonstrado a relação entre o perdão interpessoal e a personalidade, considerando que certos tipos de personalidade são mais predispostos a perdoar do que outros. Estes construtos são bastante complexos e as diversas definições e dificuldades na construção de instrumentos que reflitam essas mesmas características, atestam isso mesmo por toda a literatura. A maioria das investigações tem direcionado os seus esforços na correlação entre estes dois fatores, mas poucos se têm dedicado ao estudo das causalidades e mediadores que podem ajudar a explicar o porquê dessa associação e se há outros fatores que medeiam ou influenciam essa relação. No presente estudo foram analisadas as correlações entre as cinco dimensões da personalidade, com destaque para a agradabilidade e neuroticismo, e o perdão total e as subescalas do mesmo. Foi ainda proposto que a associação entre o perdão e a intensidade da ofensa, e o perdão e o tempo decorrido desde a ofensa, são mediados pelos comportamentos de vingança e evitamento. Por fim, foi estudada a predição dos comportamentos de evitamento através da relação entre a dimensão da personalidade do neuroticismo e o perdão. Os resultados não corroboram nenhuma das hipóteses, sugerindo não haver um efeito de mediação entre as variáveis da personalidade e do perdão estudadas. São discutidas possíveis causas para estes resultados, limitações deste estudo e apontadas futuras linhas de investigação.

Palavras-Chave: Personalidade; Ofensas Interpessoais; Perdão Interpessoal; Mediação

Personality and Interpersonal Forgiveness: A Causal Relationship

Abstract

Several studies have shown the relationship between interpersonal forgiveness and personality, considering that certain personality types are more predisposed to forgive, than others. These constructs are quite complex and the various definitions and difficulties in constructing instruments that reflect these same characteristics attest to this throughout the literature. Most investigations have focused their efforts on the correlation between these two factors, but few have devoted themselves to the study of causalities and mediators that may help explain why this association exists and whether there are other factors that mediate or influence that relationship. In the present study, were analyzed the correlations between the five dimensions of the personality with emphasis on the agreeableness and neuroticism, and the total forgiveness and its subscales. It was also proposed that the association between forgiveness and the intensity of the offense, and forgiveness, and the time elapsed since the offense and forgiveness, are mediated by revenge and avoidance behaviors. Finally, it was studied the prediction of avoidance behaviors through the relationship between the personality dimension of neuroticism and forgiveness. The results do not corroborate any of the hypotheses, suggesting that there is no mediating effect between the variables of personality and forgiveness. Possible causes for these results, limitations of this study and future research lines are discussed.

Keywords: *Personality; Interpersonal Offenses; Interpersonal Forgiveness; Mediation*

Índice

Introdução	9
Capítulo I – Enquadramento Teórico	10
1. O Perdão Interpessoal.....	10
1.1. Definição de Perdão	10
2. A Personalidade	14
2.1. Definição de Personalidade.....	14
2.2. O Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade	15
2.3. O Perdão e a sua Relação com a Personalidade.....	17
Capítulo II – Método.....	20
3. Objetivos de Investigação	20
4. Participantes.....	21
5. Instrumentos	21
6. Procedimentos	22
7. Resultados	23
8. Discussão e Conclusão.....	28
Referências Bibliográficas	

Índice de Tabelas

Tabela 1- Correlações do EFI total e das subescalas com o BFI.....	23
Tabela 2 - Estimativas da mediação da Hipótese 2.....	25
Tabela 3 – Análise passo a passo dos caminhos da Hipótese 2.....	25
Tabela 4 – Estimativas da mediação da Hipótese 3	26
Tabela 5- Análise passo a passo dos caminhos da Hipótese 3	26
Tabela 6 - Estimativas da mediação da Hipótese 4.....	27
Tabela 7- Análise passo a passo dos caminhos da Hipótese 4	27

Introdução

O estudo aqui apresentado tem como objetivo compreender a relação entre o perdão interpessoal e os fatores da personalidade da vítima. Com dois construtos complexos e com estruturas multifatoriais, certamente a tarefa não se apresenta simples. A revisão da literatura vem confirmar este pressuposto, em particular no que concerne ao perdão interpessoal, visto ter uma grande abrangência e com diferentes concepções do que é o perdão, refletidas nas muitas definições encontradas na literatura. São vários os fatores que influenciam o perdão, tais como a percepção que a vítima tem da mágoa, a proximidade com o ofensor, o tempo decorrido após a ofensa, os afetos, cognições e comportamentos face ao agressor (Rique & Camino, 2010). Apesar desta diversidade de significados, parecem haver alguns pontos de concordância que reúnem um consenso mais ou menos generalizado. Essa concetualização inclui um processo interno de transformação que visa uma redução dos pensamentos, sentimentos e comportamentos negativos, e um aumento dos positivos (Wade & Worthington, 2005).

Também na personalidade, são muitos os modelos propostos para a definição do próprio construto, bem como dos fatores que o constituem. No entanto, parece ser mais ou menos consensual que a personalidade é composta por cinco dimensões. Na interação destas duas variáveis procura-se entender de que forma se relacionam e quais os potenciais mediadores que influenciam ou explicam a natureza desta relação.

Para o efeito, o presente estudo tem uma estrutura composta por dois capítulos onde, no primeiro, é feita uma abordagem teórica do perdão interpessoal, da personalidade e da relação entre estes fatores, a qual suportará as hipóteses levantadas para a investigação. No segundo capítulo encontra-se a parte metodológica que conta com a apresentação das hipóteses, a descrição dos participantes e dos instrumentos utilizados no estudo, os procedimentos e análise de dados, a apresentação dos resultados e a discussão dos mesmos.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. O Perdão Interpessoal

Os problemas resultantes da interação de várias personalidades são sociais (Allport, 1921). As relações humanas são marcadas por conflitos interpessoais que, por sua vez, causam mágoa ou ofendem de alguma forma (Landry, 2005).

Esses conflitos desafiam os relacionamentos, causando efeitos negativos, e o perdão parece ser a forma de os ultrapassar (Bono, 2007). Dada a complexidade do ser humano e das suas interações com o outro, compreende-se que a definição de perdão seja também ela complexa e de difícil consenso.

Muitos temem que uma definição simplista do perdão possa encorajar as vítimas a tolerar comportamentos abusivos, a desculpar ou ignorar experiências dolorosas (Wade & Worthington, 2005).

1.1. Definição de Perdão

Perdão não é punição, ignorar a ofensa, desculpar, justificar ou amnistiar o ofensor, nem é sinónimo de reconciliação (North, 1987; Mullet, Neto & Rivière, 2005), antes significa ultrapassar os sentimentos de ressentimento e olhar para o ofensor de uma forma mais compassiva, benevolente e até amorosa.

O perdão implica a presença de uma ofensa que não pode ser ignorada. Essa ofensa cria uma distancia entre o ofendido e o ofensor, que perdeu o seu direito à confiança ou simpatia. O perdão é o meio de reparar o dano feito, na relação, pelo ofensor e a sua essência reside numa mudança interior do ofendido.

A retribuição e o arrependimento favorecem o perdão, mas não são necessários para que este tenha lugar. Por outro lado, a substituição de pensamentos e sentimentos negativos por pensamentos e sentimentos positivos conduzem ao perdão (North, 1987).

Seguindo o caminho anteriormente traçado por North, Enright e o grupo de estudos de desenvolvimento humano (1991) tornaram a definição de perdão mais complexa ao incluir, não apenas os aspetos afetivos, mas também explorando, os aspetos cognitivos (o que o ofendido pensa acerca do ofensor) e comportamentais (de que forma o ofendido se comporta face ao ofensor).

A redução dos elementos negativos sem a substituição por elementos mais neutros e eventualmente pelo aumento dos elementos positivos não significa o perdão genuíno, mas, provavelmente, uma etapa do processo. Após a mágoa, há toda uma série de reações emocionais negativas que ocorrem (raiva, evitamento, ressentimento) e a consciência dessa dor emocional é necessária ao perdão (Enright & The Human Development Study Group, 1991).

A decisão de perdoar é cognitiva e prende-se com a resolução de abandonar os sentimentos negativos, mesmo que estes ainda estejam presentes, e de não permitir que estes guiem o comportamento, pois este deve refletir a decisão interna do perdão.

Talvez por isso, Subkoviak (1995) afirme que a reconciliação só pode ocorrer quando as duas pessoas se unem através dos seus comportamentos, em particular os que demonstram respeito mútuo. No seu estudo, as pessoas apresentaram-se mais positivas face ao ofensor por causa da forma como o veem e do que pensam acerca dele.

O perdão não é uma amnistia ou indulgência, pois estes estão ligados ao sistema legal e não das relações interpessoais. Não é reconciliação, pois o primeiro é um processo interno e o segundo é um processo externo, de comportamento. Não é desculpar, tolerar ou justificar os comportamentos do ofensor (Enright & The Human Development Study Group, 1991; Wade & Worthington, 2005).

O perdão também não é uma resposta inevitável à ofensa, mas uma escolha que o ofendido faz e nas ofensas interpessoais, nem sempre o perdão é a resposta dada pela vítima. Por vezes, a difícil mudança de sentimentos e pensamentos que o perdão requer, fracassa.

Talvez a pessoa ofendida não consiga ver o ofensor sem sentir raiva ou amargura, ou não está interessada no processo de mudança, por achar que o transgressor merece sentir o mesmo (Rapske et al., 2010).

São várias as dimensões do não perdão a ser consideradas (Ingersoll-Dayton, Torges & Krause, 2010) e algumas das explicações para o não perdão prendem-se com o tipo de ofensas, a falta de arrependimento ou pedido de desculpa do ofensor, a própria conceção de perdão da vítima, as crenças morais acerca da ofensa e o perpetuar das ofensas pelo transgressor (Rapske et al., 2010).

Por seu lado, Wade, Bailey e Shaffer (2005) definiram o perdão como a substituição dos sentimentos negativos de amargura, hostilidade, desilusão, tristeza, medo, rejeição, raiva e vingança, resultantes da ofensa, por sentimentos mais positivos de boa-vontade, compaixão, empatia e suporte para com o ofensor.

Outro aspeto relevante que é apontado por diversos estudos é a correlação negativa entre a intensidade da mágoa e o grau de perdão, em que as pessoas que experimentaram um maior grau de ofensa, também apresentam um menor grau de perdão, manifesto sob a forma de vingança ou evitamento face ao ofensor (Subkoviak et al., 1995; Rique. & Camino, 2010; Cornick et al., 2011). No mesmo sentido, McCullough, Fincham e Tsang (2003), descobriram uma associação negativa entre a perceção da severidade da ofensa com o grau de perdão concedido.

Um facto interessante no estudo realizado por Cornick et al. (2011) foi que, cerca de 75% dos participantes mostraram vontade de perdoar o ofensor, mesmo quando o perdão foi definido como a substituição dos sentimentos negativos por outros mais positivos. Não é alheio a este facto que a maioria dos ofensores estivesse num relacionamento próximo com as vítimas (companheiros, família e amigos) e por isso o perdão fosse desejado, ou porque estavam ou querem permanecer na relação.

Aliás, este é um ponto salientado por Worthington (2005) que refere diferenças no perdão conforme a proximidade e significância da relação entre vítima e ofensor. Em relacionamentos mais distantes e pouco significativos (estranhos, conhecidos), o perdão é mais caracterizado por uma redução de sentimentos, motivações e comportamentos negativos. Enquanto que nas relações mais próximas (família, companheiros, amigos chegados) o perdão é definido pela redução das experiências negativas e pela substituição por outras mais positivas.

Desta forma foram sugeridos dois tipos de perdão, um decisional e outro emocional. O primeiro é uma afirmação de intenção comportamental onde o ofendido procura comportar-se, face ao ofensor, como acontecia previamente à transgressão (Worthington, 2003). Isto implica a decisão de controlar o próprio comportamento face ao ofensor, sendo a redução da hostilidade o mais evidente. O segundo tipo de perdão, o emocional, envolve a mudança das emoções, cognições e motivações, com a redução das emoções negativas e um aumento das positivas como fator mais relevante (Worthington & Scherer, 2004; Worthington, 2005; Worthington, Witvliet, Pietrini, & Miller, 2007).

Em estudos anteriores, McCullough, Worthington e Rachal (1997) adotaram a definição de perdão interpessoal como o conjunto de mudanças motivacionais onde, por um lado, a pessoa vai diminuindo a motivação para retaliar e manter a distância do ofensor e, por outro, vai aumentando a conciliação e a boa vontade para com o mesmo. O fator considerado como facilitador para estas motivações foi a empatia.

Para Bono (2007) o perdão implica uma redução nas motivações de vingança e evitamento, e um aumento na benevolência, que estão relacionadas com um maior bem-estar. As relações humanas positivas são essenciais para as necessidades humanas e o perdão ajuda a restaurar essas relações. O elo entre perdão e bem-estar é caracterizado pela proximidade do relacionamento e pelo grau de desculpa e arrependimento dado pelo ofensor, após a ofensa.

Se um relacionamento é tido como significativo para o ofendido, a quebra dessa relação limita-o do apoio emocional, amor e sentido de pertença que este tem, levando a um mal-estar psicológico. Por outro lado, o perdão torna esses recursos disponíveis novamente para a vítima.

Wade e Worthington (2005), na sua revisão da literatura chegaram a uma definição que parece abranger a maioria dos estudos e captar os aspetos mais relevantes e comuns, de uma forma geral, entre os investigadores. Nesta definição, perdão é conceptualizado como um método positivo de *coping* face a uma ofensa, e que beneficia a vítima através de uma reorientação dos seus sentimentos, pensamentos e ações para com o ofensor. É um processo que leva a uma diminuição do não perdão e a um aumento da consideração positiva pelo ofensor.

Apesar das diferentes definições de perdão, de alguma forma, todas elas envolvem uma mudança pró-social face ao transgressor, isto é, quando uma pessoa perdoa, as suas respostas para com o ofensor (sentimentos, pensamentos e comportamentos) tornam-se menos negativas e mais positivas (McCullough & Root, 2005). Este processo não é simples e requer tempo e esforço, e não implica esquecer a mágoa causada pelo ofensor. (Kearns & Fincham, 2004; Enright & Fitzgibbons, 2015).

2. A Personalidade

2.1. Definição de Personalidade

O conceito de personalidade parece ser muito amplo, possibilitando por isso múltiplas definições, das quais serão abordadas as principais linhas teóricas.

Allport (1921) começa por definir a personalidade como uma entidade, cujos critérios residem no campo da interação social. Mais tarde (Allport, 1937) descreve a personalidade como uma organização dinâmica que acontece no interior do indivíduo e que determina os seus pensamentos e comportamento singular.

Por sua vez, Eysenck (1953) definiu a personalidade como a organização mais ou menos constante e estável do temperamento, caráter, inteligência e dimensão física de um indivíduo. É vista ainda como um fenómeno de *gestalt* emergente, onde a totalidade única da personalidade determina a natureza e o significado das diferentes partes do indivíduo, mas não é determinada por elas. Este é um conceito mais ou menos consensual, de que a personalidade é relativamente estável ao longo da vida do sujeito (Hansenne, 2003).

Na própria definição de personalidade é necessário escolher o ponto de partida, se nos comportamentos ou nos conceitos dinâmicos. Para Cattell (1950) a personalidade era o que possibilitava prever de que forma uma pessoa se iria comportar, em determinada situação.

São muitas as definições de personalidade propostas, contudo é possível encontrar alguns pontos comuns (Carver & Scheier, 2000). Estes autores salientam alguns desses aspetos da definição de personalidade como sendo uma organização, um processo dinâmico no interior do sujeito, um conceito psicológico de bases fisiológicas, uma força interna que determina qual será o comportamento do indivíduo e é composta por tipos de resposta constantes e consistentes.

2.2. O Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade

Antes da descrição deste modelo da personalidade, é pertinente fazer uma distinção entre traços e tipos de personalidade. A maioria dos psicólogos da personalidade define traço como uma característica estável e duradoura, que revela a disposição do sujeito para agir de uma forma particular, em diferentes contextos. Estes podem ser considerados como subdimensões da personalidade que compõem os tipos ou dimensões, isto é, um tipo de personalidade é composto por diferentes traços (Hansenne, 2003).

Estes conceitos tornar-se-ão mais claros na exposição do modelo dos cinco fatores da personalidade, também conhecido por *Big Five*, que será abordado em seguida.

O número de dimensões que caracterizam a personalidade tem reunido pouco consenso entre os psicólogos da área, no entanto, este modelo parece ser o que reúne maior aceitação para a compreensão da relação entre os diferentes traços (Hansenne, 2003; McCrae & Costa, 2008). Estas dimensões não representam uma perspectiva teórica específica, mas derivam de uma análise lexical dos termos usados pelas pessoas para se descreverem a si mesmas e aos outros. Este modelo não procurou substituir os sistemas anteriores, mas antes ter uma função integrativa ao representar os diversos sistemas da personalidade numa estrutura comum.

Esta estrutura não pressupõe a redução das diferenças de personalidade em apenas cinco dimensões, mas procura realçar que cada uma delas é bastante ampla na sua representação da personalidade e resume um vasto número de características específicas da mesma (John & Srivastava, 1999).

Este modelo é composto por cinco dimensões da personalidade, designadas como Extroversão, Agradabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura à experiência, que por sua vez, são constituídos por seis traços cada. Será efetuada uma breve descrição das principais características destas dimensões da personalidade de uma forma mais geral e posteriormente, no ponto seguinte, estas serão aprofundadas e relacionadas com o perdão.

A extroversão inclui características como a afetuosidade, assertividade, atividade, otimismo, sociabilidade e desejo ou procura de aventura. Por outro lado, um indivíduo com menores características de extroversão tende a ser mais reservado, introvertido e evitando a interação social. A agradabilidade é composta por fatores como a generosidade, honestidade, modéstia, confiança e sensibilidade. No sentido oposto temos indivíduos mais egocêntricos, egoístas e mais desconfiados. O neuroticismo integra traços que expressam mais emoções negativas como a ansiedade, depressão, impulsividade, vulnerabilidade e hostilidade. De forma inversa, baixos níveis nesta dimensão significam mais estabilidade emocional. A conscienciosidade inclui fatores como o senso de dever, competência, autodisciplina e

organização. Indivíduos com baixa conscienciosidade apresentam baixo sentido de responsabilidade e menor motivação para cumprir tarefas. A abertura à experiência possui atributos como a fantasia, ideias, valores e sentimentos que levam o indivíduo a valorizar novas experiências. De forma oposta, temos sujeitos mais fechados, que preferem o previsível e a rotina (Silva et al., 2007; McCrae & Costa, 2008; White, Hendrick, & Hendrick 2004).

2.3. O Perdão e a sua Relação com a Personalidade

North (1987) foi dos primeiros a considerar a influência das características do indivíduo no perdão, fazendo referência a um caráter ou disposição para perdoar. O perdão é um processo interno, complexo, por vezes longo e difícil, e que reflete a personalidade da vítima (Mullet, Neto & Rivière, 2005). Para estes autores, os fatores da personalidade explicaram 20 a 35% da variância nas variáveis estudadas (ressentimento, vingança e perdão interpessoal).

A disposição para perdoar tem sido positivamente associada com a empatia, o fator de agradabilidade e com a extroversão (Big Five Inventory - BFI), ainda que com menos consistência (mais ligado com as emoções positivas). E tem sido negativamente associada com o neuroticismo, hostilidade, raiva e depressão (Berry et al., 2005).

O estudo efetuado por Koutsos, Wertheim e Kornblum (2007) demonstrou que a agradabilidade e o neuroticismo são importantes preditores da disposição para perdoar, e por sua vez, essa disposição prediz dois aspectos do perdão situacional, a vingança e o evitamento.

Também para Walker e Gorsuch (2002) o perdão disposicional está associado à personalidade, em particular o neuroticismo que é considerado como um preditor negativo do perdão e que esta dimensão da personalidade está associada negativamente com comportamentos de evitamento e afetos negativos.

Koutsos, Wertheim e Kornblum (2007) descobriram ainda que a agradabilidade é o componente fundamental do perdão disposicional e é o único preditor para o perdão de uma ofensa específica, evidenciando uma forte ligação entre personalidade e perdão.

Estudos anteriores (McCullough, 2001) também já indicavam que a disposição para perdoar parece estar mais ligada a estas duas dimensões, em particular a agradabilidade e estabilidade emocional (relacionada negativamente com o neuroticismo).

A agradabilidade é uma dimensão da personalidade que integra traços como o altruísmo, empatia, cuidado e generosidade. As pessoas com um maior grau nesta dimensão são mais propensas a perdoar e menos a procurar a retaliação. A agradabilidade é tida como o melhor preditor do perdão interpessoal, isto é, as pessoas com um maior grau de agradabilidade tentem a perdoar mais quando são ofendidas. Isto sugere que estas pessoas veem a ofensa como um erro situacional e não como uma má intenção ou característica da personalidade do ofensor. Pessoas com características mais baseadas na compaixão, mais calorosas e altruístas são mais propícias a conceder perdão. O não perdão pode ser reduzido quer pelo perdão emocional (mais baseado na empatia) ou por outros meios como o autocontrolo e a procura de justiça (mais baseado na conscienciosidade) (Berry et al., 2005).

Por seu lado, a estabilidade emocional é uma dimensão da personalidade que envolve baixa vulnerabilidade às experiências que causam emoções negativas. As pessoas com esta característica apresentam maior disposição para perdoar e menor variação de humor ou sensibilidade. Em sentido inverso, o neuroticismo tem sido associado negativamente com o perdão, em especial na subescala da hostilidade. As pessoas que apresentam um maior grau neste domínio, têm uma maior tendência a não perdoar, indicando um maior desejo de vingança e sentimentos de ressentimento e raiva. (Ross et al, 2005; Walker & Gorsuch, 2002; Wang, 2008; Ajmal, Amin & Bajwa, 2016)

No estudo de meta-análise realizado por Mullet, Neto e Rivière (2005) e relativamente ao perdão interpessoal, ficou demonstrada a correlação positiva entre o perdão e a agradabilidade e a correlação negativa entre perdão e neuroticismo. Por outro lado, a extroversão e conscienciosidade tiveram uma correlação positiva, mas pouco significativa com

o perdão, e a abertura à experiência não foi estatisticamente significativa. A Extroversão também tem sido associada positivamente ao perdão, em particular nas áreas das emoções positivas e do afeto caloroso, enquanto que a Conscienciosidade tem sido associada negativamente (Ross et al, 2005).

Abid, Shafiq, Naz e Riaz (2015) realizaram um estudo onde relacionaram os fatores da personalidade com o nível de perdão entre estudantes. Os resultados demonstraram uma forte correlação positiva entre a dimensão da agradabilidade e o grau de perdão. Os estudantes com uma personalidade mais marcada pelo fator da agradabilidade apresentaram uma maior tendência para perdoar e um maior grau de perdão concedido. No sentido inverso, os que tiveram maiores níveis de neuroticismo apresentaram um menor grau de perdão. Também nas dimensões da extroversão e de abertura à experiência, as correlações foram baixas e na conscienciosidade foram moderadas. De uma forma geral, concluíram que os fatores que mais contribuíram para um maior grau de perdão foram a agradabilidade e a estabilidade emocional.

O neuroticismo foi considerado como um preditor do não perdão e os seus fatores primários foram mais preditivos que a dimensão no seu global. Foram ainda considerados os comportamentos de evitamento e os afetos negativos como positivamente associados com o neuroticismo e negativamente com o perdão (Walker & Gorsuch, 2002).

McCullough, Fincham e Tsang (2003) descobriram que as motivações de evitamento e vingança tendem a diminuir com o tempo e que essas mudanças são um indicativo de perdão. No entanto, não houve um aumento ao longo do tempo nas motivações de benevolência, levando os autores a colocarem como hipótese que o esforço para reduzir as motivações negativas seja menor do que para aumentar as positivas.

Capítulo II – Método

3. Objetivos de Investigação

O objetivo deste estudo foi explorar a relação entre as variáveis da personalidade e o perdão interpessoal, em particular na forma como os diferentes tipos de personalidade se relacionam com os diferentes aspetos do perdão. O conceito de perdão, tem sido mais ou menos definido, de forma consensual, como a substituição de pensamentos, sentimentos e comportamentos negativos por outros mais positivos (Wade & Worthington, 2005). Por outro lado, tem sido proposto que os indivíduos com um maior grau de agradabilidade e menor de neuroticismo, duas das dimensões da personalidade, têm maior disposição para perdoar (Koutsos, Wertheim e Kornblum, 2007). Destes dois pressupostos decorre a primeira hipótese de que há uma correlação positiva da agradabilidade e negativa do neuroticismo com o perdão total e as suas subescalas (pensamentos, sentimentos e comportamentos), não sendo de esperar associações significativas com as outras dimensões do Big Five.

A segunda hipótese é que a relação entre a intensidade da ofensa e do perdão é mediada pela pelos comportamentos de evitamento e vingança, à semelhança do estudo de Cornick et al. (2011). Também no seguimento da investigação de McCullough, Fincham e Tsang (2003) surge a terceira hipótese de que a relação entre o tempo da ofensa e o perdão é mediada pelos comportamentos de evitamento e vingança.

O neuroticismo tem sido considerado como um preditor negativo do perdão e associado negativamente com comportamentos de evitamento e afetos negativos (Walker & Gorsuch, 2002) pelo que, propõem-se ainda uma última hipótese para este estudo, que a relação entre o neuroticismo e o perdão pode ser predita pelos comportamentos de evitamento.

4. Participantes

A amostra para este estudo foi extraída de um projeto mais abrangente desenvolvido por Cunha (2015) e Costa (2015), no qual foram recolhidos os dados de 237 participantes. A amostra obtida, após seleção, representa 57,8% (N= 137) da amostra total (N=237) e é constituída por estudantes universitários do Instituto Universitário da Maia, dos quais 94 são do sexo masculino (31,4%) e 43 do sexo feminino (68,6%), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos.

5. Instrumentos

Os instrumentos utilizados na investigação inicial (Costa, 2015; Cunha, 2015) foram vários, no entanto, para o estudo em causa, foram selecionados apenas três: o Questionário de Dados Sociodemográficos, a Escala de Atitudes (EFI) e o Big Five Inventory (BFI).

O Questionário de Dados Sociodemográficos (Cunha, 2015) foi utilizado a fim de recolher os dados dos participantes referentes à idade, sexo, estado civil, agregado familiar, estado profissional, rendimento mensal do agregado familiar e habilitações literárias.

A Escala de Atitude (EFI) foi criada por Enright e o grupo de estudos do desenvolvimento humano (Subkoviak et al., 1995) e é um inventário que avalia o grau de perdão interpessoal após uma ofensa e está dividido em três partes. Na primeira parte, o participante é convidado a recordar uma experiência onde se tenha sentido ofendido injustamente por outra pessoa e a relatar a intensidade da mágoa, a pessoa que o magoou e há quanto tempo ocorreu a ofensa.

A segunda parte contém um inventário com 60 itens, com uma escala de tipo Lickert de 6 pontos, que varia de 1 (“discordo fortemente”) até 6 (“concordo fortemente”). Os itens estão equitativamente distribuídos (10 itens cada) por afetos negativos, afetos positivos, comportamentos negativos, comportamentos positivos, cognições negativas e cognições positivas. Estes estão agrupados em subescalas que avaliam os afetos, comportamentos e

cognições. A pontuação total do EFI é obtida pela soma das pontuações de cada subescala e indica o grau de atitude face ao perdão, podendo variar entre 60 (grau de perdão baixo) e 360 (grau de perdão elevado).

A última parte é composta por um item independente, com uma escala de tipo Lickert de 5 pontos, que avalia o quanto a pessoa perdoou (1- não perdoei; 5 – perdoei completamente) e é esperada uma correlação positiva com a pontuação total do EFI (Enright & Rique, 2000). A forte consistência interna do EFI tem sido comprovada em diversos estudos que atestam da fiabilidade deste instrumento (Subkoviak et al., 1995; Rique et al., 2009), tornando-o num dos instrumentos mais utilizados no estudo do perdão.

O Big Five Inventory (BFI) é um instrumento utilizado para a avaliação da personalidade (John & Srivastava, 1999) e é constituído por 44 itens, que avaliam cinco dimensões da personalidade: a extroversão (8 itens), a agradabilidade (9 itens), a conscienciosidade (9 itens), o neuroticismo (8 itens) e a abertura à experiência (10 itens). Os itens que compõem este inventário são formados por frases curtas, diretas e de fácil compreensão (e.g. “fica facilmente nervoso”), às quais o participante responde através de uma escala de tipo Licker, que varia de (1) “discordo fortemente” até (5) “concordo fortemente”.

Este instrumento apresenta níveis elevados consistência interna e de boa validade convergente e divergente na relação com outros instrumentos que avaliam as cinco dimensões da personalidade (John & Srivastava, 1999; Galinha et al., 2012; Costa et al., 2016)

6. Procedimentos

A recolha de dados foi efetuada no projeto original (Cunha, 2015; Costa, 2015), na qual, os participantes foram inicialmente informados acerca dos objetivos da investigação e do processo de recolha de dados. Também foi fornecida informação acerca do consentimento informado que, depois de assinado, foi recolhido e arquivado de forma a manter a confidencialidade. Posteriormente foram aplicados os cadernos de questionários e o seu

preenchimento decorreu em contexto de sala de aula. A análise estatística dos dados foi efetuada com recurso ao programa estatístico Jamovi.

7. Resultados

Os resultados obtidos nas correlações das cinco dimensões da personalidade do BFI com as subescalas afetiva, comportamental e cognitiva do EFI, bem como do EFI total, não são significativos, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1- Correlações do EFI total e das subescalas com o BFI

Tabela de Correlações

		EXTROVERSAO	AGRADABILIDADE	CONSCIENCIOSIDADE	NEUROTICISMO	ABERTURA EXPERIENCIA
Afeto Positivo	Pearson's r	0.268	-0.089	0.038	0.042	-0.011
	p-value	0.004	0.355	0.690	0.661	0.908
	95% CI Upper	0.433	0.100	0.223	0.228	0.176
	95% CI Lower	0.086	-0.272	-0.149	-0.146	-0.198
Afeto Negativo	Pearson's r	0.262	-0.031	0.003	0.052	-0.044
	p-value	0.005	0.748	0.974	0.584	0.646
	95% CI Upper	0.426	0.156	0.189	0.237	0.143
	95% CI Lower	0.080	-0.216	-0.183	-0.135	-0.229
Comportamento Positivo	Pearson's r	0.296	-0.031	0.029	0.097	0.070
	p-value	0.002	0.748	0.768	0.317	0.471
	95% CI Upper	0.458	0.159	0.216	0.281	0.256
	95% CI Lower	0.114	-0.219	-0.160	-0.094	-0.120
Comportamento Negativo	Pearson's r	0.199	-0.123	-0.097	-0.004	-0.031
	p-value	0.042	0.212	0.327	0.968	0.757
	95% CI Upper	0.377	0.071	0.097	0.189	0.163
	95% CI Lower	0.008	-0.309	-0.283	-0.196	-0.222

Tabela de Correlações

		EXTROVERSAO	AGRADABILIDADE	CONSCIENCIOSIDADE	NEUROTICISMO	ABERTURA EXPERIENCIA
Cognição Positiva	Pearson's r	0.260	-0.072	-0.003	0.071	0.100
	p-value	0.006	0.462	0.977	0.465	0.299
	95% CI Upper	0.427	0.119	0.185	0.257	0.283
	95% CI Lower	0.076	-0.257	-0.191	-0.120	-0.089
Cognição Negativa	Pearson's r	0.298	-0.113	-0.028	0.071	-0.063
	p-value	0.001	0.240	0.774	0.459	0.515
	95% CI Upper	0.459	0.076	0.160	0.255	0.126
	95% CI Lower	0.118	-0.294	-0.213	-0.117	-0.247
Afeto Total	Pearson's r	0.285	-0.061	0.034	0.071	-0.030
	p-value	0.003	0.535	0.729	0.470	0.760
	95% CI Upper	0.450	0.131	0.221	0.257	0.161
	95% CI Lower	0.101	-0.248	-0.156	-0.121	-0.219
Comportamento Total	Pearson's r	0.275	-0.098	-0.036	0.062	0.008
	p-value	0.005	0.331	0.718	0.541	0.935
	95% CI Upper	0.445	0.100	0.159	0.254	0.203
	95% CI Lower	0.085	-0.288	-0.229	-0.135	-0.188
Cognição Total	Pearson's r	0.297	-0.094	-0.027	0.076	0.012
	p-value	0.002	0.341	0.783	0.444	0.900
	95% CI Upper	0.463	0.100	0.165	0.265	0.204
	95% CI Lower	0.112	-0.282	-0.218	-0.118	-0.180
EFI TOTAL	Pearson's r	0.321	-0.084	-0.058	0.063	-0.007
	p-value	0.002	0.438	0.591	0.560	0.950
	95% CI Upper	0.496	0.128	0.152	0.269	0.202
	95% CI Lower	0.121	-0.288	-0.263	-0.148	-0.215

Note. * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Mediação entre o grau da mágoa e grau de perdão pelos comportamentos negativos

As Tabelas 2 e 3, em baixo, apresentam os resultados relativos ao efeito mediador dos comportamentos negativos entre o grau da mágoa sentido e o grau de perdão relatado. Como se pode observar, não houve um efeito mediador dos comportamentos negativos (Sobel = -1.600, SE = .099, p = 0.110).

Tabela 2 - Estimativas da mediação da Hipótese 2

Estimativas Mediação

Efeito	Rótulo	Estimado	SE	95% Intervalo Confiança		Z	p
				Inferior	Superior		
Indireto	a × b	-0.158	0.0990	-0.352	0.0356	-1.60	0.110
Direto	c	-0.102	0.0820	-0.263	0.0586	-1.25	0.213
Total	c + a × b	-0.260	0.1272	-0.510	-0.0111	-2.05	0.041

Tabela 3 – Análise passo a passo dos caminhos da Hipótese 2

Estimativas Caminho

		Rótulo	Estimado	SE	95% Intervalo Confiança		Z	p
					Inferior	Superior		
Grau da Mágoa	→	Comp. Neg. a	-1.7772	1.10123	-3.9355	0.3812	-1.61	0.107
Comp. Neg.	→	Perdão Relat. b	0.0891	0.00728	0.0748	0.1034	12.24	<.001
Grau da Mágoa	→	Perdão Relat. c	-0.1021	0.08199	-0.2628	0.0586	-1.25	0.213

Mediação do tempo da ofensa e grau de perdão pelos comportamentos negativos

As Tabelas 4 e 5, em baixo, demonstram não haver um efeito mediador dos comportamentos negativos entre o tempo decorrido desde a ofensa e o grau de perdão relatado (Sobel = .229, SE = .003, p = .819).

Tabela 4 – Estimativas da mediação da Hipótese 3

Estimativas Mediação

Efeito	Rótulo	Estimativa	SE	Z	p
Indireto	a × b	6.95e-4	0.00296	0.235	0.815
Direto	c	0.00246	0.00225	1.096	0.273
Total	c + a × b	0.00316	0.00372	0.849	0.396

Tabela 5- Análise passo a passo dos caminhos da Hipótese 3

Estimativas Caminho

		Rótulo	Estimativa	SE	Z	p
Tempo meses	→	Comp. Neg. a	0.00830	0.03538	0.235	0.814
Comp. Neg.	→	Perdão Relat. b	0.08374	0.00787	10.636	< .001
Tempo meses	→	Perdão Relat. c	0.00246	0.00225	1.096	0.273

Mediação do neuroticismo e perdão pelos comportamentos e afetos negativos

As Tabelas 6 e 7 mostram os resultados relativos ao efeito mediador dos comportamentos e afetos negativos entre o neuroticismo e o grau de perdão relatado. Como se pode observar, não houve um efeito mediador dos comportamentos e afetos negativos (Sobel = .555, SE = .033, $p = .579$).

Tabela 6 - Estimativas da mediação da Hipótese 4

Estimativas Mediação

Efeito	Rótulo	Estimativa	SE	95% Intervalo Confiança		Z	p
				Inferior	Superior		
Indireto	$a \times b$	0.0186	0.0336	-0.0472	0.0845	0.555	0.579
Direto	c	0.0206	0.0318	-0.0417	0.0829	0.648	0.517
Total	$c + a \times b$	0.0392	0.0462	-0.0513	0.1298	0.849	0.396

Tabela 7- Análise passo a passo dos caminhos da Hipótese 4

Estimativas Caminho

		Rótulo	Estimativa	SE	95% Intervalo Confiança		Z	p	
					Inferior	Superior			
Neurotic.	→	Afeto Neg.	a	0.2210	0.39780	-0.5587	1.0007	0.556	0.578
Afeto Neg.	→	Perdão Relat.	b	0.0844	0.00764	0.0694	0.0993	11.040	< .001
Neurotic.	→	Perdão Relat.	c	0.0206	0.03178	-0.0417	0.0829	0.648	0.517

8. Discussão e Conclusão

O principal objetivo definido para esta investigação foi o estudo da relação entre as variáveis da personalidade e o perdão interpessoal e, em particular, o papel de possíveis mediadores que possam estar a influenciar esta associação.

De acordo com os resultados, é possível verificar que a primeira parte da primeira hipótese, de que haveria uma correlação positiva da agradabilidade e negativa do neuroticismo com o perdão total e as suas subescalas, não se confirmou neste estudo, contrariamente ao encontrado na maioria da literatura (McCullough, 2001; Walker & Gorsuch, 2002; Mullet, Neto & Rivière, 2005; Koutsos, Wertheim e Kornblum, 2007; Abid et al., 2015). No entanto, há exemplos em estudos anteriores que suportam a falta de relação entre o neuroticismo (Ross et al., 2004) e a agradabilidade (Walker & Gorsuch, 2002) no perdão interpessoal, com as dimensões da personalidade.

Uma justificação possível pode residir no facto de existir um elevado número de itens, das subescalas do EFI, que não foram respondidos pelos participantes e tal poderá ter influenciado os resultados obtidos.

Quanto às outras três dimensões do BFI, a extroversão, a conscienciosidade e a abertura à experiência, estas confirmam a segunda parte da primeira hipótese, ao não demonstrarem associações significativas com as outras dimensões do EFI. Os resultados estão em linha com as investigações anteriores (Walker & Gorsuch, 2002; Mullet, Neto & Rivière, 2005; Abid et al., 2015), evidenciando uma correlação fraca ou nula com o perdão interpessoal.

Relativamente às restantes hipóteses de possíveis mediadores entre as variáveis da personalidade e do perdão, nenhuma delas se verificou, levantando mais questões do que respostas. Este estudo e os seus resultados devem conduzir a uma reflexão mais profunda acerca dos instrumentos e métodos utilizados em investigação.

Uma primeira questão, que talvez seja a mais relevante, para explicar estes resultados prende-se com a escolha dos instrumentos utilizados para medir os construtos. Um desses instrumentos é o EFI, que se propõem ser um modelo multifatorial, mas sobre o qual tem recaído muitas dúvidas a esse respeito, a começar pelos próprios autores (Subkoviak et al., 1995) que anotaram no seu estudo, numa nota de rodapé, que pelo design do instrumento esperavam correlações elevadas, razão pela qual obtiveram uma forte consistência interna, sugerindo uma unidimensionalidade do EFI, isto é, a existência de falta de validade das suas subescalas. Também Rique et al. (2009) referem vários estudos que apontam no sentido de uma estrutura unidimensional, o que coloca em causa a teoria.

Ross et al. (2004) afirma que a questão acerca de uma definição mais exata do que constitui o perdão e de como medi-lo, ainda é uma questão que está longe de estar encerrada. Diz ainda que a medição do perdão tem sido dificultada pelos que definem que o “verdadeiro perdão” é marcado pela presença de afetos positivos e ausência de afetos negativos face ao ofensor.

É importante ainda referir que todos os instrumentos utilizados na recolha de dados para este estudo, utilizam apenas o método de autorrelato, o que, por si só, pode constituir uma limitação ou condicionar os resultados (Ross et al., 2004).

Um outro aspeto tem que ver com metodologia de análise usada mais frequentemente para o estudo da personalidade e do perdão, as correlações. Estas permitem saber se duas variáveis estão associadas entre si e qual o grau dessa associação, no entanto, não permitem saber se uma variável determina ou influencia as variações da outra, isto é, se existe causalidade entre ambas. Desta forma, duas variáveis podem ter correlações fortes entre si, mas não estarem numa relação causal. Apesar da sua utilidade, este método está limitado na interpretação e explicação das relações entre variáveis. Por outro lado, o método experimental, utilizado neste

estudo, permite responder à questão da causalidade e determinar se as variações da variável independente determinam as variações da variável dependente (Hansenne, 2003).

Esta investigação levanta ainda a questão de que muitos dos estudos em psicologia são realizados com amostras universitárias, e este não é exceção, que por sua vez têm características específicas e diferentes da população em geral (Hansenne, 1999; Miller, Worthington & McDaniel, 2008; Berry et al., 2001; Rique & Camino, 2010) e que, por isso mesmo, apresentam limitações como a homogeneidade da amostra (Ross et al, 2004). No caso deste estudo, o próprio tamanho da amostra (n=137), apesar de consistente com investigações anteriores, mostra algumas limitações face ao método de análise escolhido, pois este requer uma amostra com um número significativo de participantes e heterogénea (Hansenne, 2003).

Pelo exposto, sugere-se para investigações futuras uma mudança de paradigma na forma como se estudam estes construtos, com formas de análise mais robustas que as correlações, porque estas sugerem as correlações, mas não as garantem, nem garantem um mecanismo mental. Propõem-se ainda que se usem parâmetros mais estritos, com critérios de inclusão menos abrangentes, que passem, por exemplo, por um processo de triagem.

Referências Bibliográficas

- Abid, M., Shafiq, S., Naz, I. & Riaz, M. (2015). Relationship between Personality Factors and Level of Forgiveness among College Students. *International Journal of Humanities and Social Science*, Vol. 5, No. 7
- Allport, F. H., Allport, G. W. (1921). The Journal of Abnormal Psychology and Social Psychology, Vol 16(1), pp. 6-40. Publisher: American Psychological Association.
- Allport, G. W. (1937). Personality: a psychological interpretation. Oxford, England: Holt.
- Berry, J. W., Worthington, E. L., Jr., Parrott, L., O'Connor, L. E., & Wade, N. G. (2001). Dispositional forgivingness: Development and construct validity of the Transgression Narrative Test of Forgivingness (TNTF). *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 1277–1290. doi: 10.1177/01461672012710004
- Berry, J. W., Worthington, E. L., Jr., Wade, N. G., Witvliet, C. v. O., & Kiefer, R.(2005). Forgiveness, moralidentity and perceived justice in crime victims and their supporters. *Humboldt Journal of Social Relations*, 29, 136–162.
- Brown, R. P. (2003). Measuring individual differences in the tendency to forgive: Construct validity and links with depression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 759–771.
- Carvalho, M. (2016). Ofensas interpessoais: Um estudo sobre a sua tipologia, perdão e sintomatologia depressiva associados. (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Universitário da Maia, Portugal.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (2000). *Perspectives on personality* (4th ed.) Boston: Allyn and Bacon.
- Cattell, R. B. (1943). Psychological Review, Vol 50(6), pp. 559-594. Publisher: American Psychological Association; [Journal Article], Database: PsycARTICLES

- Cattell, R. B. *In: Psychology of personality: Six modern approaches*. McCary, J. L. (Ed); Publisher: Logos Press; 1956, pp. 63-119.
- Cornick, C., Schultz, J.M., Tallman, B. & Altmaier, E. M. (2011). Forgiving significant interpersonal offenses: The role of victim/offender racial similarity. *Psychology*, 2(9),
- Costa, A. (2015). Perdão e saúde: exploração da relação entre a sintomatologia e o perdão numa população universitária. (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Universitário da Maia, Portugal.
- Costa, S. B., Bem-Haja, P., Moisaio, A., Albery, A., Castro, F. V. & de Almeida, H. (2016). PSYCHOMETRIC PROPERTIES OF PORTUGUESE VERSION OF BIG FIVE INVENTORY (BFI). *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología.*, 1(2), 83-94.
- Cunha, C. (2015). Versão portuguesa do Enright Forgiveness Inventory - EFI (Inventário de Perdão de Enright). Manuscrito não-publicado. Maia: Instituto Universitário da Maia – ISMAI.
- Enright, R. & Rique, J. (2000). *The Enright Forgiveness Inventory Samples Set manual, instrument, and scoring guide*. Published by Mind Garden, Inc.
- Enright, R. D., & Fitzgibbons, R. P. (2015). Introduction: Why learn about forgiveness and forgiveness therapy?. In R. D. Enright, & R. P. Fitzgibbons (Eds.) *Forgiveness*
- Enright, R. D., & Human Development Study Group (1991). The moral development of forgiveness. In W. Kurtin & J. Gerwitz (Eds.), *Handbook of moral behavior and development* (Vol. 1, pp. 123-152). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Eysenck, H. J. (1952). *Annual Review of Psychology*. Vol. 3 Issue 1, p151-174. 24p.
- Eysenck, H. J. *Journal of Personality*. (1951). Vol. 20 Issue 1, p101. 17p. DOI: 10.1111/1467-6494.ep8930274

- Hansenne, M. (1999). P300 and personality: An investigation with the Cloninger's model. *Biological Psychology*, 50, 143-155.
- Hansenne, M. (2003). *Psicologia da Personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- Ingersoll-Dayton, B., Torges, C., & Krause, N. (2010). Unforgiveness, rumination, and depressive symptoms among older adults. *Aging & Mental Health*, 14, 439–449. doi:10.1080/13607860903483136.
- John, O. P. & Srivastava, S. (1999). The big five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin, & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 102-138). New York: Guilford Press.
- Kearns, J. N., & Fincham, F. D. (2004). A prototype analysis of forgiveness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 838–855.
- McCrae, R. R. & Costa, P. T. Jr. (2008). Empirical and theoretical status of the five-factor model of personality traits. In G. Boyle, G. Matthews, & D. H. Saklofske (Eds.), *The SAGE handbook of personality theory and assessment* (pp. 273-294). Thousand Oaks, CA: Sage.
- McCullough, M. E. & Root, L. M. (2005). Forgiveness as Change. In E. L. Worthington Jr. (Ed.), *Handbook of forgiveness* (pp. 91–107). New York: Brunner-Routledge.
- McCullough, M. E. (2001). Forgiveness: Who does it and how do they do it? *Current Directions in Psychological Science*, 10, 194–197.
- McCullough, M. E., Worthington, E. L., Jr., & Rachal, K. C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 321–336.
- McCullough, M.E., Fincham, F.D. and Tsang, J. (2003). Forgiveness, forbearance, and time: the temporal unfolding of transgression-related interpersonal motivations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 540–557.

- McCullough, M.E., Rachal, K.C., Sandage, S.J., Worthington, E.L. Jr., Brown, S.W., & Hight, T.L. (1998). Interpersonal forgiving in close relationships: II. Theoretical elaboration and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 1586–1603.
- Miller, A., Worthington, E., & McDaniel, M. (2008). Gender and forgiveness: A meta analytic review and research agenda. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 27, 843– 876. doi:10.1521/ jscp.2008.27.8.843
- Mullet, E., Neto, F., & Riviere, S. (2005). Personality and its effects on resentment, revenge, and forgiveness and on self-forgiveness. In E. L. Worthington Jr. (Ed.), *Handbook of forgiveness* (pp. 159–182). New York: Brunner-Routledge.
- North, J. (1987). Wrongdoing and forgiveness. *Philosophy*, 62, 499–508.
- Rapske, D. L., Boon, S. D., Alibhai, A. M., & Kheong, M. J. (2010). Not forgiven, not forgotten: An investigation of unforgiven interpersonal offenses. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 29, 1100–1130.
- Rique, J. & Camino, C. P. S. (2010). O perdão interpessoal em relação a variáveis psicossociais e demográficas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 525-532.
- Rique, J., Camino, C. P. S., Santos, W. & Gouveia, V. V. (2009). Análises confirmatória da escala de atitudes para o perdão. *Avaliação Psicológica*, 8 (2), 169-178.
- Ross, S. R., Kendall, A. C, Matters, K. G., Wrobel, T A., & Rye, M. S. (2004). A personological examination of self and other-forgiveness in the five factor model. *Journal of Personality Assessment*, 82, 207 – 214.
- Silva, R. S., Schlottfeldt, C. G., Rozenberg, M. P., Santos, M. T. & Lelé, A. J. (2007). Replicabilidade do Modelo dos Cinco Grandes Fatores em medidas da personalidade. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 1(1), 37-49.

- Subkoviak, M. J., Enright, R. D., Wu, C. R., Gassin, E. A., Freedman, S., Olson, L. M. & Sarinopoulos, I. (1995). Measuring interpersonal forgiveness in late adolescence and Middle adulthood. *Journal of Adolescence*, 18, 641-655.
- therapy: An empirical guide for resolving anger and restoring hope* (3-11).
- Walker, D. F., & Gorsuch, R. L. (2002). Forgiveness within the Big Five personality model. *Personality and Individual Differences*, 32, 1127– 1137.
- Wang, T.-W. (2008). Forgiveness and big five personality traits among Taiwanese undergraduates. *Social Behavior and Personality*, 36, 849– 850. doi.org/10.2224/sbp.2008.36.6.849.
- White, J. K., Hendrick, S. S. & Hendrick, C. (2004). Big five personality variables and relationship constructs. *Personality and Individual Differences*, 37, 1519–1530.
- Worthington, E. L. Jr. (Ed.). (2005). *Handbook of forgiveness*. New York: Brunner-Routledge.
- Worthington, E. L. Jr., Witvliet, C. V. O., Pietrini, P. & Miller, A. J. (2007). Forgiveness, health, and well-being: A review of evidence for emotional versus decisional forgiveness, dispositional forgivingness, and reduced unforgiveness. *Journal of Behavioral Medicine*, 30, 291–302.